

O SAMBAQUI CAPÃO DA AREIA (RS-LC-59) A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PALEOETNOBOTÂNICA: UM APORTE AO MANEJO DE PLANTAS NA PLANÍCIE CENTRAL COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

NATÁLIA DE OLIVEIRA TAVARES¹; RAFAEL CORTELETTI²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – natalia.tavares04@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafacorteletti@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sítios arqueológicos conchíferos possuem como principal elemento construtivo carapaças de moluscos e podem ser encontrados vinculados à corpos d'água, seja no litoral, onde predominam, seja no interior, em diversas partes do mundo, variando sua composição sedimentar, forma, tamanho, assim como suas interpretações (SACCONE, 2017). No Brasil, esses sítios são denominados sambaquis, onde foram amplamente estudados por diversas áreas de conhecimento e temáticas, sendo provavelmente os sítios arqueológicos mais bem documentados e datados no país (SCHEEL-YBERT, 2019). Eles surgem no Holoceno Médio ao longo de uma extensa faixa litorânea entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, onde começam a ficar escassos devido ao aparecimento de outro sistema cultural, os cerritos (IRIARTE et.al, 2016). As mudanças ocorridas em relação ao nível do mar nesse período foram responsáveis por configurar velhos e novos ambientes costeiros propícios ao desenvolvimento de uma grande heterogeneidade de espécies de peixes e moluscos, os quais foram foco de exploração dos povos sambaquieiros (WAGNER, 2009).

As interpretações para os sambaquis percorreram uma longa jornada a qual inicialmente se prezava pelo seu caráter natural, fator insustentável conforme as evidências foram sugerindo ocupação humana até nos níveis mais inferiores desses concheiros. Mesmo depois que essa hipótese foi descartada e assim o caráter artificial dos sítios fora constatado, ou seja, sua formação era fruto da ação humana, os (as) arqueólogos (as) e outros pesquisadores (as) acreditavam que os sambaquis eram resultado de refúgio das populações de pescadores pré-coloniais e, além disso, que os sítios eram ocupados sazonalmente. Atualmente, as inúmeras pesquisas voltadas aos processos de formação do sítio, tal como a compreensão dos enterramentos humanos presentes em muitos desses sítios, atestam para uma clara intencionalidade em sua construção, revelando uma complexa arquitetura de camadas e estruturas que se arranjam espacialmente de formas distintas (GASPAR et.al, 2013).

Outro foco de pesquisa que vêm se consolidando nos últimos anos para os sambaquis são os estudos paleoetnobotânicos ou arqueobotânicos, mudando a compreensão prévia de grupos que baseavam sua economia na pesca e coleta de moluscos para uma economia mista onde as plantas tinham uma grande importância. A paleoetnobotânica reúne a abordagem arqueológica e ecológica a fim de entender a relação humano/planta, elucidando também os mais diversos usos dados pelas populações no passado às plantas (PEARSALL, 1989). Os estudos baseiam-se na recuperação, análise e identificação de macrovestígios botânicos recuperados em

contexto arqueológico, como carvões (antracologia) e sementes, e também de microvestígios botânicos, como pólens, fitólitos e grãos de amido.

A partir dos contextos expostos que se insere a pesquisa no sambaqui Capão da Areia (RS-LC-59). O sítio fica localizado no distrito de Bojuru, município de São José do Norte, Rio Grande do Sul, margem oriental da Lagoa dos Patos. Ele foi identificado durante a década de 1990 no âmbito do projeto “Levantamentos arqueológicos na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil” coordenado pelo professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro, vinculado a então Fundação Federal do Rio Grande – FURG (RIBEIRO et.al, 2004). Suas dimensões no período em que fora identificado eram de 46m (nordeste/sudoeste) x 28m, tendo altura de 3m em relação ao nível do solo (PESTANA, 2007). Através de cortes experimentais realizados em bloco testemunho e em níveis artificiais de 10cm, se constatou a presença de vértebras de peixes marinhos e lacustres, ossos de mamíferos marinhos e terrestres, ossos de aves, além de espécies de moluscos das classes Bivalvia e Gastropoda (PESTANA, 2007). Muitos desses ossos apresentam sinais de combustão, ou seja, contato com o fogo, além dos ossos, há uma quantidade significativa de carvões e “coquinhos” carbonizados presentes nos sedimentos (TAVARES, 2019).

Além do material zooarqueológico e arqueobotânico (macrovestígios), algumas pontas de ossos foram localizadas em diversos níveis, embora, sem contextualização estratigráfica, além delas, na superfície do sítio foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos pertencentes às chamadas tradições arqueológicas Vieira e Tupiguarani (PESTANA, 2007). Até então, se dispõem somente dessas poucas informações sobre o sítio as quais serão usadas como base para o aprofundamento e contextualização que propõe essa pesquisa. A identificação de microvestígios botânicos nos sedimentos provenientes do sítio poderão fornecer um panorama sobre a ocupação humana no litoral central do Rio Grande do Sul, pensando para além de sua condição como pescadores e coletores. Dessa forma, a pesquisa discorrerá sobre modificações na paisagem ao redor do sítio através do manejo ambiental e os mais diversos usos das plantas no contexto do sítio, incluindo questões como a domesticação e a horticultura.

2. METODOLOGIA

Os métodos empregados partirão do processamento dos sedimentos provenientes do sítio RS-LC-59 os quais foram coletados no ano de 1998 e seguem armazenados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia (LEPAN), atualmente reserva técnica, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Esse processamento visará a preparação de lâminas de amostras a fim de identificar microvestígios vegetais, especificamente fitólitos. Os fitólitos (ou silicofitólitos devido a alta concentração de sílica em alguns casos) são corpos microscópicos de sílica precipitados ao longo da vida das plantas, especificamente em seus tecidos, e que servem de sustentação para estas (MEDEANIC et. al, 2008). Eles se formam em vários locais distintos dos vegetais, adaptando-se as formas das células ou aos espaços intercelulares. Isso comporta uma ampla diversificação da morfologia da partícula individual em uma determinada espécie, entre as diferentes partes dela e entre membros de um mesmo grupo de plantas (HOYAS et. al, 1990). É a partir dessas morfologias que é possível fazer a identificação dos taxa (muitas vezes, devido a essa grande diversidade morfológica, é difícil chegar ao nível de espécie).

Por conta de sua composição inorgânica, os fitólitos tendem a se preservar melhor nos sedimentos em comparação a outros microvestígios botânicos e.g. palinomorfos, além disso, eles possuem uma capacidade limitada de transporte pelas correntes aquáticas ou pelo vento, indicando normalmente uma deposição *in situ* (MEDEANIC et. al, 2008) Sua identificação perpassa pela classificação dos fitólitos a partir de sua forma, textura e ornamentação (MADELLA et.al, 2005), além de coleções de referências que nesse caso serão priorizadas aquelas elaboradas e disponíveis para o litoral gaúcho e uruguai, além das propriamente utilizadas em outras pesquisas envolvendo sambaquis e fitólitos (WESOLOWSKI et. al, 2007; BOYADJIAN, 2007; BOYADJIAN, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido às condições adversas resultantes da pandemia do vírus Covid-19, não foi possível realizar as etapas de laboratório, essenciais a essa pesquisa. Entretanto, a presença abundante de macrovestígios botânicos nos sedimentos, os carvões e “coquinhos” carbonizados, fornece um bom indicativo para a presença de microvestígios, especialmente fitólitos devido a sua composição mineral e dessa forma, mais resistente a ação do tempo. Além disso, a partir do amplo levantamento bibliográfico que está sendo realizado, embora esse tipo de microvestígio ainda não tenha sido identificado em sedimentos de sambaquis, seu achado em outros contextos arqueológicos tanto na América como em regiões do Pacífico, está bem documentada, explicitando a grande possibilidade de achados futuros (WESOLOWSKI, 2013). Inclusive, a identificação de fitólitos em sedimentos de sítios conchíferos vêm sendo amplamente demonstrada para sítios no Uruguai, configurando uma alta complexidade para esses grupos antes vistos sob um olhar simplista de grupos nômades de caçadores-coletores (BEOVIDE E CAMPOS, 2014; BEOVIDE E CAMPOS, 2015).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WESOLOWSKI, V; MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; KARL REINHARD, K.; CECCANTINI, G. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.17, 191-210, 2007.

BOYADJIAN, C. **Microfósseis contidos no cálculo dentário como evidência do uso de recursos vegetais nos sambaquis de Jabuticabeira II (SC) e Moraes (SP)**. 2007. 147f. Dissertação (Mestre em Ciências, área de Genética e Biologia Evolutiva) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

BOYADJIAN, C. **Análise e identificação de microvestígios vegetais de cálculo dentário para a reconstrução de dieta sambaquieira: estudo de caso de Jabuticabeira II, SC**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências, área de Biologia/Genética) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

WESOLOWSKI, V. Micro-vestígios vegetais: o que os olhos não vêem In: GASPAR, M.D.; MENDONÇA DE SOUZA. (Org.) **Abordagens Estratégicas em Sambaquis**. Erechim: Habilis Editora, 2013. 219 – 235.

BEOVIDE, L.; CAMPOS, S. El manejo del entorno vegetal y cultígenos (*Zea Mays L.*) em los concheros entre ca. 3.000 y 2.000 años AP em la cuenca inferior del Río Santa Lucía, Uruguay. **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano – Series Especiales**, Buenos Aires, v.4, n.2, p. 56-70, 2015.

BEOVIDE, L.; CAMPOS, S. Interacciones entre las sociedades y las plantas durante el Holoceno medio-tardío em el área septentrional del Río de la Plata (Uruguay). **Revista Española de Antropología Americana**, Madrid: v. 44, n. 2, p. 575-201, 2014.

HOYAS, C.; JUAN, J.; PALET, A.; VILLATE, E. Análisis de fitólitos em opalo y pseudomorfos de oxalato cárlico em calcita como indicadores arqueobotánicos. **Cuaternario y Geomorfología**, v. 4, p. 147 – 154, 1990.

MADELLA, M.; ALEXANDRE, A.; BALL, T. International Code for Phytolith Nomenclature 1.0. **Annals of Botany**, Oxford: v. 96, p. 253-260, 2005.

MEDEANIC, S.; CORDAZZO, C.V.; CORRÊA, I.C.S.; MIRLEAN, N. Os fitólitos em gramíneas de dunas do extremo sul do Brasil: variabilidade morfológica e importância nas reconstruções paleoambientais costeiras. **GRAVEL**, Porto Alegre: v.6, n.2, p. 1-14, 2008.

PESTANA, M. **A Tradição Tupiguarani na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

WAGNER, G. **Sambaquis da Barreira da Itapeva: Uma perspectiva geoarqueológica**. 2009. 241f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SACCONE, E. Navegando entre sambaquies: evidencias del uso de embarcaciones entre las sociedades constructoras de concheros. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas: v. XIX, n. 28, 2007.

TAVARES, N.O. **Um universo de conchas: O registro arqueossedimentar do concheiro Capão da Areia (RS-LC-59)**. 2019. 80f. Monografia (bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande.

RIBEIRO, P.A.M.; PESTANA, M.; PENHA, M.A.P.; CALIPPO, F. Levantamentos arqueológicos na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Arqueología**, v.17, p. 85-99, 2004.

SCHEEL-YBERT, R. Calibración de datas radiocarbônicas em sítios costeiros. **Revista de Arqueología**, v. 32, n. 2, p. 119-134, 2019.

GASPAR, M.D; KLOKLER, D.; BIANCHINI, G.F. Arqueología estratégica: abordagens para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares. **Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém: v. 8, n. 3, p. 517-533, 2013.

IRIARTE, J.; DEBLASIS, P.; SOUZA, J.G.; CORTELETTI, R. Emergent Complexity, Changing Landscapes, and Spheres of Interaction in Southeastern South America During the Middle and Late Holocene. **Journal of Archaeological Research**, v. 24, n. 4, 2016.

PEARSALL, D.M. **Paleoethnobotany: a Handbook of Procedures**. San Diego: Academic Press, 1989.